

HIS KIND OF WOMAN / 1951 (Redenção)

um filme de John Farrow (e de Richard Fleischer?)

Realização: John Farrow / **Argumento:** Frank Fenton e Jack Leonard, baseado no conto "Star Sapphire" de Gerald Drayson Adams / **Fotografia:** Harry J. Wild / **Direção Artística:** Albert S. D'Agostino / **Décor:** Darrell Silvera e Ross Dowal / **Guarda-Roupa:** Howard Greer / **Música:** Leigl Harline, dirigida por Constantin Bakeleinkoff / **Canção:** "Five Little Miles from San Berdoo", música e letra de Sam Coslow; "You'll Know", música de Jimmy McHugh, letra de Harold Adamson / **Montagem:** Eda Warren e Frederic Knudtson / **Interpretação:** Robert Mitchum (Dan Milner), Jane Russell (Lenore Brent), Vincent Price (Mark Cardigan), Tim Holt (Bill Lusk), Charles McGraw (Thompson), Marjorie Reynolds (Helen Cardigan), Raymond Burr (Nick Ferraro), Leslye Banning (Jennie Stone), Jim Backers (Myron Winton), Philip Van Zandt (José Morro), John Mylong (Martin Krofft), Carleton C. Young (Hobson), etc.

Produção: Howard Hughes para a RKO / **Distribuição:** RKO / **Cópia:** Ficheiro digital, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 120 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood 11 de Julho de 1951 / **Estreia em Portugal:** no Cinema Politeama, a 13 de Março de 1952.

His Kind of Woman dá-nos algumas boas ocasiões para espreitar para dentro dos muros da estranhíssima casa ("casa de doidos" já lhe chamaram) em que a RKO se transformou entre 1950 e 1952.

My Forbidden Past (Robert Stevenson), **The Racket** (John Cromwell), **The Lusty Men** (Nicholas Ray), **Angel Face** (Otto Preminger), **Macao** (Josef Von Sternberg), **Cry Danger** (Robert Parrish), **The Thing** (Hawks e Nyby), **Best of the Badmen** (William D. Russell), **Slaughter Trail** (Irving Allen), **Double Dynamite** (Irving Cummings), **I Want You** (Mark Robson), **On Dangerous Ground** (Nick Ray), **At Sword's Point** (Lewis Allen), **Rancho Notorious** (Fritz Lang), **Clash by Night** (Fritz Lang), **Montana Belle** (Allan Dwan), **Sudden Fear** (David Miller), **Blackbeard the Pirate** (Raoul Walsh), etc, etc, etc, são alguns dos títulos que melhor documentam a singularidade das obras feitas.

O que é que tinha acontecido ao estúdio donde, ainda em 1946, tinham "saído" **Notorious**, **The Best Years of Our Lives**, **It's a Wonderful Life** e **The Spiral Staircase**? Tinha sido comprado em 1948 pelo celeberrimo multi-milionário Howard Hughes, desejoso de controlar mais um "brinquedo" que há muito o apaixonava: o cinema. The "biggest motion picture transaction since Twentieth Century took over Fox Films" custou ao magnate 8,8 milhões de dólares, soma que deixou toda a gente estarecida, pois equivalia ao dobro das melhores avaliações correspondentes às 920.000 ações que comprou. Em 48, começou a partir a louça toda, sem que ninguém descortinasse onde queria ele chegar. E, a partir de 1950, parece ter-se comprazido em meter a RKO a pique. Em 51, já a produção desceu para 21 filmes. Em 52, os outros accionistas moveram-lhe um processo, acusando-o de levar deliberadamente o estúdio à ruína. E, em 53, as contas fecharam-se com um deficit de 40 milhões de dólares. A Desilu (de Desi Arnaz e Lucille Ball) comprou tudo. Pouco depois, toda a produção cessava.

Numa casa que se tornara "uma casa de fantasmas" (John Houseman o disse) aonde ninguém via Hughes e donde quase todos os grandes nomes se despediram ou foram despedidos. Hughes só parecia tomar a sério dois corpos: Jane Russell (essa Jane Russell pela qual enfrentara a censura nos idos de 40 e do seu **The Outlaw**) e Robert Mitchum, um Robert Mitchum que defendeu, contra ventos e marés, quando o actor, em 1949, foi condenado a 60 dias de cadeia pela posse e consumo de marijuana. A única coisa que parecia divertir Hughes era ter na sua "posse" a "bad girl nº 1" (Jane Russell) e o "bad boy nº 1" (Robert Mitchum). E, em 1950, anunciou que se Deus os tinha feito, ele os juntaria. **His Kind of Woman. Her Kind of Man.** Louella Parsons, a famosa e viperina colunista, chamou-lhes logo "the hottest combination that ever hit the screen".

Para os dirigir, chamou Hughes John Farrow, que servia na casa desde 1939. Não tinha grande reputação, mas fizera, em 42, **Wake Island** que obteve o prémio da crítica nova-iorquina. E, a partir de 1948, começou a assinar obras insólitas: **The Big Clock** com Ray Milland e Charles Laughton; **Night Has a Thousand Eyes** com Edward G. Robinson, **Alias Nick Beal** com Ray Milland e Thomas Mitchell que só recentemente críticos e historiadores começaram a tomar a sério, pela sua mescla de realismo e de fantástico. Farrow tinha aliás alguns "penchants" ocultistas e misticizantes e uma filha célebre - Mia Farrow - havia de contar muito mais tarde histórias assaz bizarras do pai que, segundo alguns, inspirou o personagem de Lloyd Nolan em **Hannah and Her Sisters** de Woody Allen.

Farrow foi convenientemente industriado para dirigir Mitchum e Russell. E coube-lhe a ele escolher Vincent Price para o papel de Mark Cardigan, que devia ser, na concepção original da obra, um "louco inquietante". Que aconteceu depois? Sabe-se pouco. Mas sabe-se que Farrow não se entendeu com Jane Russell e que a páginas tantas Hughes o correu, substituindo-o por Richard Fleischer que ainda não tinha feito as **20.000 Léguas Submarinas**. O que é de Farrow, o que é Fleischer, ninguém sabe. Menos ainda o que será de Hughes para além dos decotes de Jane Russell e do torso nu de Robert Mitchum.

Sabe-se é que quando o filme se estreou ainda não estava pronto ("as far as a final assemblage of its footage is concerned") e tinha 122 minutos (mais 7 do que a versão actual). O "Variety", à época, notava que era difícil escrever "uma crítica objectiva" e esperava que duma montagem final resultasse menos estranha a mescla entre o "sultry mood" do início e o "slapstick" final. Não resultou. E seguiu-se o massacre crítico, com nomes conhecidos a jurarem que se estava perante um dos piores filmes alguma vez saídos de Hollywood. O público acreditou e, apesar de Jane Russell e Robert Mitchum, o "flop" foi colossal.

Trinta anos se passaram. Reposto no princípio dos anos 80, **His Kind of Woman** foi alvo de reacções bem diversas. Não da generalidade da crítica, nem do público, mas daquela espécie de estranhos cinéfilos que povoam cinemas da meia-noite e consagraram a expressão "cult movies". Precisamente o que os atraiu foi o que repelira os pais deles: exactamente essa insólita personagem do "filme negro" da primeira hora (admiravelmente contido e com magistras diálogos, arquétipos do género) à "loucura final" quando Vincent Price resolve tomar conta da acção e conduzir os mexicanos à salvação de Mitchum. A Price deve este filme o seu "preço" (muito mais do que a Mitchum e Russell). Há quem tenha visto muitas vezes **His Kind of Woman** só para ver Vincent Price auto-aplaudir-se como espadachim (fabulosa sequência), citar Shakespeare para os mexicanos ("My Kingdom for a ship") ou prometer aos mesmos mexicanos que os sobreviventes terão um papel no próximo filme dele.

Obviamente, esse corte do registo é estranhíssimo e é talvez único nos anais de Hollywood dessa época. Tanto mais que até à citada sequência de Vincent Price e do filme, **His Kind of Woman** parece um dos mais contidos e depurados "filmes negros" alguma vez feitos. Mitchum é valorizado à enésima potência no seu registo sonolento. O personagem que começa por dizer: "I was just getting ready to take my tie off... wandering whether I should hang myself with it" só podia ser interpretado por Mitchum. Repare-se na sequência em que é preso em casa (com os "maus" a jogar cartas) ou repare-se em como só ele podia aceitar com tão poucas perguntas o estranho negócio que lhe propõem e o leva ao México. É como se tivesse sido apanhado a dormir (no meio do sono) e nem a viagem o tivesse acordado. Nem a viagem, nem Jane Russell, a que apesar das canções e dos decotes tardou a dar o estatuto de "his kind of woman".

E quem quiser vir a este filme buscar diálogos como epígrafes para um estudo sobre Mitchum, sai bem documentado. Coisas como (quando lhe oferecem os 50 mil dólares)

"P - For What?

M - For Nothing

P - I Don't Get It

M - I Get"

ou (Mitchum dirigindo-se a Hernandez, à chegada ao México)

"M - I am looking for a man named Hernandez

H - I am a man named Hernandez

M - I am a man named Milner"

até (diálogo de Vincent Price e Mitchum a propósito da loura):

V.P. - "She likes me, is that I don't understand"

R.M. - "If she liked me I wouldn't try to understand"

ou, para não me alongar, e finalmente (entre tantas pérolas) a pergunta feita a Mitchum se ele dorme com os olhos abertos ou fechados, porventura uma das mais pertinentes que já lhe foi feita. Como Jane Russell lhe diz, "ele é mesmo um dos homens mais estanhos que ela já conheceu". E só Mitchum lhe podia responder, como responde, "What makes you suppose you know me?". E depois o beijo. Ou, antes, o sapato em cima da mesa, de onde tira o dinheiro para o jogo. E, minhas senhoras e meus senhores, é de homem a ideia de preparar Mitchum como duplo plausível para Raymond Burr. Por mim, nem com muitas visões da **Janela Indiscreta** e da **Noite do Caçador**, teria alguma vez pensado (como agora penso) que Mitchum podia ter feito o assassino espiado por Stewart ou que Burr podia ter feito o reverendo dos dedos tatuados do filme de Lughton.

Voltando ao filme. Que é que aconteceu ou que é que aconteceu ao realizador para, depois dessa contidíssima hora inicial, optar pela "desconchavo" final?. Tom Milne escreveu: "It looks, rather, as though somebody had lost confidence in the film and decided to apply the desperate remedy of comedy without considering the side effects which soon become uncomfortably apparent".

Não sei se foi isso ou não. Talvez se tratasse de montar sequências rodadas umas por Fleischer outras por Farrow. Mas por mim gosto. E não consigo deixar de gostar muito (mesmo muito) de ideias como a de cortar o plano quando a seringa já está quase a tocar a veia salientíssima de Mitchum (monumento da erótica dos "fifties") passar a mais uma palhaçada Price-mexicanos e voltar ao mesmo plano, como se o actor-cirurgião se tivesse suspenso também, a olhar Price.

Falei de erótica. É que de tanto se falar da "palhaçada" final se tem esquecido que as sequências a bordo, desde que a camisa de Robert Mitchum é arrancada, são das mais ousadas que já vimos em filmes do "fifties". Do chicote a Mitchum na caldeira, da injeção à veia, há um catálogo perverso a assinalar devidamente e com a devida vénia. Afinal de contas, não nos interessa nada saber se Jane Russell é ou não "his kind of woman". Para a erótica do filme, chegam e sobram Mitchum e Burr. Talvez seja por isso que Vincent Price está tão animado e nos anima tanto. A uma visão retrospectiva, este filme até bate mais certo do que parece. As almas certinhas não irão apreciar. Mas nós, os outros, nunca mais o iremos esquecer. Ficará, para sempre, nos nossos cultos. De resto, como o não ficaria um filme que nos desse Robert Mitchum e Vincent Price em todo o excesso da impassibilidade de um e do desbragamento de outro? "Wake up, little boy, I want to see it coming". Eu também. Depois, grande, grande plano só dos olhos de Mitchum, como única possibilidade de "to see it coming". E nem mesmo assim, e nem mesmo então.

Última bizzaria, mas esta sem nada a ver com a RKO. Alguém me saberá explicar porque é que o título português deste filme é **Redenção?**

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico